

AQUI É A VÁRZEA:  
REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO  
DE UM CIRCUITO DE LAZER NA/DA  
CIDADE DE PORTO ALEGRE<sup>1</sup>

DR. MAURO MYSKIW

Colegiado de Educação Física, Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
(Marechal Cândido Rondon – Paraná – Brasil)  
E-mail: mmyskiw@hotmail.com

MS. ARIANE CORRÊA PACHECO

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil)  
E-mail: arianepacheco@hotmail.com

DR. MARCO PAULO STIGGER

Departamento de Educação Física e Programa de Pós-Graduação em  
Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
(Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil)  
E-mail: stigger.mp@gmail.com

RESUMO

*O presente trabalho apresenta interpretações em torno de uma manifestação de lazer comum em muitas cidades brasileiras, o “futebol de várzea”. A partir da experiência etnográfica de seguir o futebol na cidade de Porto Alegre, sistematizada entre 2009 e 2011, trazemos uma análise da constituição de um circuito varzeano e das demarcações de suas diferenças em relação a outros, possibilitando àqueles que circulam afirmarem que “aqui é a várzea”. Muito embora seja possível afirmar que o circuito consubstancie algumas regularidades no que tange aos espaços, tempos e comportamentos adequados, conferindo fronteiras às experiências, são as imbricações com a vida cotidiana, os modos de saber lidar com dimensões que, a priori, seriam opostas, que confere sentido ao estar “na várzea”.*

*PALAVRAS-CHAVE: Circuito; Lazer; Futebol; Etnografia.*

---

1. O presente trabalho contou com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na modalidade bolsa de doutorado.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresentamos algumas interpretações derivadas de uma pesquisa etnográfica realizada entre 2009 e 2011, cuja tônica foi seguir o futebol pela cidade de Porto Alegre e região metropolitana, procurando compreendê-lo, entre outras dimensões, como um *lazer esportivo* que orienta a circulação de pessoas e de grupos pelas distintas regiões das cidades e em diferentes regimes de valores<sup>2</sup>. Dentre as orientações desta circulação, não foi difícil percebermos o campeonato *municipal da várzea* de Porto Alegre, um relevante circuito de futebol, em relação ao qual, ao convergirem para os jogos, seja nos próprios bairros ou vilas, seja rumo à regiões distantes de suas moradias, os membros dos times (dirigentes, treinadores e jogadores), como também as pessoas *das comunidades* (tramas de familiares, amigos, vizinhos, colegas de trabalho, de estudos, etc.), tratavam de operar, nos campos, nas praças, nos parques e nos estádios, um conjunto de práticas (jogar, treinar, torcer, organizar, conversar, xingar, ameaçar, beber, comer, etc.) frequentemente descritas como “de lazer”.

Tais práticas e seus significados, não raramente, serviam para caracterizar a concepção de lazer apresentada por Elias e Dunning (1992), denotando experiências coletivas com algum nível de normas próprias capazes de possibilitar, por um tempo, uma tensão-excitação agradável, manifesta frente à necessidade psíquica de desprendimento das restrições rotineiras das emoções, sem que isso descaracterizasse, na maioria das vezes, a “boa consciência”, pelo contrário, gozavam de aprovação social. Essa concepção, vale ressaltar, se insere nas lógicas do processo civilizatório<sup>3</sup>, as quais se concretizavam pela constituição de configurações singulares de um *lazer esportivo* e não meramente como um assessorio do trabalho. Nesse sentido, quando o Chico<sup>4</sup>, um dos interlocutores do estudo, afirmou sua satisfação em estar *na beira do campo* dizendo que “isto aqui é uma fuga para mim” ele não estava apenas tratando da liberação das suas obrigações laborais, algo que pode ser observado quando se coloca esta frase no contexto da conversa:

- 
2. Gilberto Velho (1999) foi uma das principais referências nesse olhar para a cidade a partir da coexistência de diferentes estilos de vida e visões de mundo, da diversidade dos papéis a serem desempenhados pelos indivíduos, características das cidades cada vez mais diferenciadas no que se refere às redes sociais e seus sistemas de significados.
  3. No sentido de que não é um processo situacional (de curto prazo) e deliberado, mas que tem um sentido. A respeito desse processo, sem poder avançar mais nas descrições, destacamos as referências em dois textos de Norbert Elias: Sugestões para uma teoria de processos civilizadores (ELIAS, 1993) e Sociogênese da diferença entre “Kultur” e “Zivilisation” no emprego alemão (ELIAS, 1994).
  4. Os nomes das pessoas, assim como as denominações dos times, das vilas, dos parques e das praças (que serão citados mais adiante), foram substituídos em face a questões de ética de pesquisa.

No seu carro o Ronaldo [jogador veterano] trouxe o Miro [árbitro] para apitar o jogo do Brasilândia contra o Concórdia [no campo do Mariluz, time da vila de mesmo nome]. Assim que chegou, o Ronaldo “se encostou na copa”, passou a beber e conversar com o Chico (que tem 38 anos de idade, é filho do Seu Olívio, dono do Mariluz e da copa; joga na categoria de veteranos, não apenas no time do seu pai, mas “está parado” em virtude de uma cirurgia no joelho). Nas conversas regadas a cerveja tanto o Chico como o Ronaldo lembravam dos jogos, dos lances, dos gols, das cotoveladas ocorridos em outras partidas. Um dos fatos recordados foi o lance em que o goleiro do time do Chico, há vários anos atrás, quebrou a perna do Ronaldo, mas aquilo “não foi maldade, foi do jogo” (ambos concordavam). Ronaldo mostrava a cicatriz da cirurgia, contava sobre a haste de platina e os 7 pinos que tem na perna. Estas recordações eram trazidas com um tom de satisfação estampada nos comportamentos, entre os olhares para o campo, onde ocorria a partida entre o Brasilândia e Concórdia, como também entre gritos, reclamações, performances de intimidação (direcionadas ao Miro, árbitro e colega) e comentários sobre o trabalho, a família, a vila, etc. O exercício de reminiscência dos fatos, os comentários, as performances de beira de campo eram vividos com intensidade. Próximo do final da partida, o Chico, olhando para o campo com uma lata de cerveja na mão dispara o seguinte comentário para o Ronaldo: “isso aqui é uma fuga para mim”. O Ronaldo não precisou perguntar do que se tratava e continuou a conversa. (DC, 24/10/2010)

O que se pode notar (ou iconizar) a partir deste excerto é o fato de que o Chico e o Ronaldo faziam parte daquele lugar (simbólico) tanto quanto o lugar fazia parte deles. Tratar a “fuga” apenas como um tempo liberado (ou oposto) de outras obrigações e relacioná-la ao divertimento e/ou à recuperação<sup>5</sup>, seria deixar de reconhecer a particularidade de lógicas socioculturais que conferem sentido ao pertencimento e às práticas das pessoas – não se tratam ações desinteressadas<sup>6</sup>. Essa noção de pertencimento não era incomum nas circulações pelo *municipal da várzea*, o que se podia perceber nas constantes referências à *várzea* como *algo* ou como *um lugar* singular, possível de ser reconhecido pelos seus *habitués*. Nos diários de campo da pesquisa muitas expressões que denotavam isso foram registradas, tais como: “já jogou a várzea”; “aqui é a várzea”; “essa é a várzea”; “a várzea é isso aí”; “a várzea evoluiu”; “a várzea perdeu um jogador”; “a várzea não elege ninguém”; “nem parece a várzea”; “ele apita na várzea”; “saiu da várzea”; “é respeitado na várzea”; “isso só acontece na várzea”; “na várzea é assim mesmo”; “tem história na várzea”. Exatamente nesse sentido é que o Mendes, presidente da liga da Praça Catanduvas da vila Itararé, afirmou que “aqui o bicho pega, é diferente”, se referindo ao fato

5. Este é um tipo de interpretação funcionalista do lazer – o que não significa melhor ou pior – bastante difundido no Brasil pela obra “Lazer e cultura popular” de Joffre Dumazedier (1973).

6. Neste texto, estaremos trabalhando com a noção de que “o lazer” é, ele mesmo, um espaço de interesses, exercício interpretativo esse que guarda proximidade com as proposições de Pierre Bourdieu, quando ele trata das “razões práticas”, afirmando que “Cada campo, ao se produzir, produz uma forma de interesse que, do ponto de vista de um outro campo, pode parecer desinteresse.” (BOURDIEU, 2004, p. 149)

de que havia campos de associações ou de instituições que não se vinculavam aos *campeonatos da várzea*, fazendo apenas partidas entre amigos, amistosos nos finais de semana (DC, 13/10/2009).

Diante de situações e afirmações como estas é que emergiram algumas questões que serão abordadas neste trabalho, tais como: Ao que se referem as pessoas quando dizem *a/na várzea*? Como é possível definir e reconhecer *a várzea* como algo e/ou um espaço em particular, “diferente”? Para (a)onde o Chico “fugia”? O que este lugar/algo pode dizer sobre o lazer das pessoas e dos grupos em circulação nas cidades? Sobre estes questionamentos não é nossa intenção esgotar as análises. Procuraremos apenas apresentar algumas interpretações e reflexões que o trabalho etnográfico tornou possível, considerando a experiência de conviver e de seguir pessoas (dirigentes, jogadores, árbitros, grupos), artefatos (súmulas, fichas, relatórios e listas) e controvérsias (disputas e conflitos). O itinerário da pesquisa foi traçado em negociações a partir dos movimentos das pessoas, dos artefatos e das controvérsias, englobando: a permanência e a circulação entre distintas salas, auditórios, gabinetes, bares e residências, com observações de mais de 100 reuniões; o acompanhamento de mais de 200 partidas de futebol em 31 campos situados em diferentes regiões das cidades; e a participação em bailes, festas de aniversários, almoços, jantares, de excursões de times de futebol, e de um curso de arbitragem comunitária.

Experiências e situações etnográficas<sup>7</sup> como essas, de “estar com” e de “circular com”, foram transcritas e esquematizadas em diários de campo, ao mesmo tempo em que se arregimentava uma série de documentos (jornais, fichas, regulamentos, atas, estatutos, leis, listas, requerimentos, ofícios, convites, tabelas e panfletos de propaganda eleitoral) e que imagens e sons eram registrados (fotografias e filmagens). Por fim, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com alguns interlocutores para aprofundar o levantamento de aspectos históricos. Com base nesta produção é que apresentamos duas direções de interpretações em torno das questões colocadas anteriormente: a primeira dedicada a apontar *a/na várzea* como uma configuração singular e institucionalizada (de lazer); e a segunda orientada pela necessidade de dizer sobre o que é “diferente”.

## A VÁRZEA: UM CIRCUITO DE LIGAS E DE COMPETIÇÕES

Ainda nos primeiros meses de imersão nos espaços-tempos descritos como *a* ou *na várzea*, foi possível compreendê-la como circuitos de ligas e de competições de futebol (campeonatos e torneios) ou o encadeamento de várias delas, com

---

7. Especialmente sobre estudos no “cenário” urbano, várias orientações relativas à imersão etnográfica foram assimiladas das leituras dos trabalhos de Foote-White (1980), Winkin (1998), Silva (2009) e de Magnani (2009). Já, em que pese a etnografia no universo esportivo e de lazer, nossa referência parte das questões apresentadas por Stigger (2007).

destaque para *o municipal* de Porto Alegre, um campeonato de grandes proporções que, no período da investigação, agregou entre 264 e 315 equipes masculinas em duas categorias (a *livre* e a de *veteranos*), isto é, não menos do que 6 mil pessoas, se considerarmos apenas os jogadores. A primeira fase desta competição era organizada por *ligas de futebol amador* da cidade<sup>8</sup> – chamado de *regionais* –, efetivada no período de março a agosto, arrematando times da cidade de Porto Alegre e da região metropolitana, contando com árbitros contratados diretamente ou através de ligas de arbitragem. A segunda etapa era organizada pela Gerência de Futebol da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SME) de Porto Alegre – conhecida como *o municipal* –, operacionalizada no período de setembro a dezembro, com os *times* classificados nos *regionais* ou indicados, separados em duas divisões (A e B), envolvendo árbitros contratados por uma liga de arbitragem que concorria numa licitação pela Prefeitura.

Este circuito, nessa configuração, iniciou em 1993, em virtude de uma iniciativa da gestão pública municipal, de esporte/lazer, que procurava atuar de maneira mais ativa nos campos da Prefeitura, mas sem “desrespeitar a organização já existente” das *comunidades*, como salientou Souza<sup>9</sup>, um dos servidores que atuou decisivamente nesse sentido. Segundo este servidor, após fazerem o mapeamento dos campos públicos e observarem que havia ligas ou líderes comunitários promovendo jogos e competições na maioria destes lugares,

*[...] introduzimos esta forma de fazer campeonato. Criamos essa estrutura de respeitar os campeonatos das ligas, de basear nosso campeonato [o municipal] numa parceria com as ligas. No primeiro semestre, numa forma de autogestão e autofinanciamento, as ligas organizavam seus campeonatos e nos indicavam os campeões [...] e também os jogadores que, por ventura, tivessem sido punidos por agressão, por alguma coisa, para nós acatarmos as punições. E nós fazíamos o campeonato municipal no segundo semestre, este financiado pela Prefeitura.*

Nesse sentido, estar *na várzea* significava vincular-se a competições auto-organizadas pelas lideranças comunitárias, muitas delas operando com a denominação de ligas. Estas “organizações comunitárias” não eram recentes na história da cidade de Porto Alegre<sup>10</sup>, porém na forma observada no decorrer da presente pesquisa, podiam ser descritas como empreendimentos, alguns deles particulares e lucrativos, pois *o movimento* de pessoas possibilitava *fazer renda*. Como tais, eram gerenciados,

8. 25 ligas em 2009, 26 em 2010 e 22 em 2011.

9. Entrevista realizada em 10/11/2011.

10. Arlei Damo (2002) e Gilmar Mascarenhas (2001) apontaram para este tipo de organização no início do século XX, em Porto Alegre. Em trabalho mais recente sobre o futebol nesta mesma cidade, Miguel Stédile (2011) se refere a formação de ligas específicas de bairros operários, vinculados à fábricas.

normalmente, por uma pessoa ou, em alguns poucos casos, por pequenos grupos, com a finalidade de agregar times para participarem de campeonatos, de torneios e de amistosos nos períodos de tradicionalmente destinado ao lazer de trabalhadores (noites, nos campos com iluminação; sábados, no período da tarde; domingos e feriados). Essas pessoas e “suas ligas” promoviam as competições numa dinâmica de negociação entre serem “independentes” e serem “*parceiras* da Prefeitura” na gestão dos espaços públicos, estando sujeitas a classificações, sobretudo, em relação à “organização”. Ou seja, dizer que uma liga era “de elite” não significava estritamente o seu vínculo com uma classe social, mas, principalmente, a “qualidade” das suas competições no que tange a capacidade de agregar “bons times” e de “fazer valer” um regulamento, especialmente no que se refere à ideia de disciplina.

O fato das ligas, a partir de 1993, em alguma medida, assumirem o lugar de *parceiras* da prefeitura, passou a exigir um trabalho de alinhamento das normatizações (calendários, regulamentos, regras, documentos, etc.), consolidando espécies de fronteiras culturais do circuito *varzeano*, pelo qual as pessoas podem transitar e reconhecer certa regularidade quanto ao que é adequado e inadequado. Este alinhamento, estando sob a tutela da Gerência de Futebol da SME deu substância a um efeito de institucionalização, ofertando ainda mais solidez aos seus contornos, muitos deles registrados num documento chamado de “regulamento geral”. Tal documento era revisto e aprovado no início de cada ano, antes dos *regionais*, numa reunião com os presidentes (ou *donos*) das ligas, sendo reconhecido em toda a extensão do circuito, cabendo aos funcionários da Gerência de Futebol, aos dirigentes das ligas e a uma Comissão Disciplinar nomeada pelo Prefeito Municipal os cuidados quanto ao cumprimento dos seus termos pelos times vinculados<sup>11</sup>, estes oriundos de diferentes regiões e *montados* de maneira muito diversa.

Embora alguns times fossem referidos como *verdadeiros clubes*, outros eram denominados de *ajuntamentos* engendrados para jogar um campeonato ou um amistoso. Este último, sem dúvida, guardava maior proximidade com aquilo que se compreendia estar *na várzea*, não apenas pela efemeridade, mas também pela fluidez com que possibilitava transitar – individualmente ou em grupos – entre competições, equipes, categorias, campos, vilas, etc. Isso não significava, no entanto, a ausência de compromissos para com os times e com as funções dentro deles. Muitos deles contavam com diferentes *quadros* (*primeiro* ou *principal*, *segundo* ou *aspirantes*) e *categorias* (*veteranos* e *amadores*), coordenados por *dirigentes* (*presidentes*, *diretores* ou *donos*) ou por uma *diretoria* que se encarregavam de uma série de responsa-

---

11. Em 2009 participaram 278 times, 315 em 2010 e 264 em 2011.

bilidades. Além disso, cada equipe, além dos jogadores apresentava um *treinador* e, não raro, um *massagista* que podiam assinar a súmula e permanecer *no banco* com os suplentes, cuja *administração* – mais do que controle – ficava a cargo da equipe de arbitragem (*mesários, bandeiras* e árbitros). Estes sujeitos administrativos das partidas não passavam despercebidos, podendo ser encontrados na forma de equipes (*trios de arbitragem*), em duplas (*paulistinha*) ou mesmo sozinhos (*apitando a pé*), a maioria deles contratados *numa conversa* diretamente ou através de *ligas de arbitragem*, organizações que, embora juridicamente constituídas, podiam ser resumidas numa pessoa que mediava (com lucro) a formação das *escalas de arbitragem*.

Estar *na várzea* significava mais do que vincular-se a competições organizadas pelas ligas e/ou pela Gerência de Futebol. Ainda que no “tempo de lazer”, relacionava-se também a ocupar papéis (de dirigente, jogador, treinador, massagista, torcedor), desenvolver comportamentos esperados, reconhecendo fronteiras materiais e culturais, formas particulares de organização, instituições reguladoras, meios distintivos de outros (do circuito profissional, amador, praiano, etc.), que orientam as relações e as práticas do futebol. Este tipo de análise – baseado nas regularidades de agentes e agências – nos levou a entender (ou interpretar) que *a várzea* não se resume a uma rede de relações (masculinas), nem tão pouco às ligas e competições individualmente consideradas, sendo um espaço-tempo simbolicamente estruturado e estruturante, através do qual as pessoas e os grupos vivenciam o futebol e as cidades, fazendo isso na forma de um circuito que se objetiva nos tempos tradicionais de lazer dos trabalhadores e, principalmente, nos campos públicos. Nesse sentido, podemos afirmar que aqueles que circulam *na várzea* tratam de conectar lugares da cidade aparentemente desconectados no cenário das distinções urbanas (por exemplo, as *vilas de ocupação* mais periféricas e os parques dos bairros nobres da cidade). Não é, exclusivamente, a localização do campo que define se ele é ou não *da várzea*, mas fundamentalmente o tipo de ocupação, especialmente os tipos de competições.

A noção de circuito de lazer não é uma novidade nos estudos que privilegiam inserção das pessoas em circulação no cenário urbano, sendo os trabalhos realizados e orientados por José Guilherme Cantor Magnani (MAGNANI, 1999; MAGNANI, SOUZA, 2007; MAGNANI; TORRES, 2008) uma referência significativa nesse sentido. Porém, em relação a estes trabalhos, o que observamos *na várzea* é uma circulação pautada simultaneamente pelas ofertas de práticas do futebol nos campos (não contíguos na paisagem urbana) e pelos agendamentos dos campeonatos, dos torneios e dos amistosos. Este último aspecto parece predominar sobre o primeiro, porque tais agendamentos correspondem a uma configuração particular – não isenta de tensões e nem uma estrutura autônoma em relação às pessoas – que

impõem legitimamente critérios de inclusão e de exclusão, que reforça a confiança e a reciprocidade dentro de seu perímetro. Esta noção de predominância deriva das observações de que a ocupação das praças, dos parques e dos campos das cidades, pelo *peçoal da várzea*, embora no mesmo espaço físico, não raramente, convivia separadamente – enquanto campo simbólico – em relação a outros (*o peçoal do chimarrão e da conversa; o peçoal dos animais de estimação; o peçoal da atividade física e saúde*, etc.).

## NA VÁRZEA: CONVIVÊNCIAS E CONVENIÊNCIAS PARADOXAIS

Até aqui, algumas de nossas questões iniciais parecem estar contempladas, no entanto, uma delas merece maior aprofundamento: aquela que trata da expressão “é diferente”. Para avançarmos nisso, de início, lançamos mão das proposições de Viviana Zelizer (2002), que contempla uma reflexão crítica sobre a doutrina dos “mundos hostis”, nos apresentando os circuitos como espécies de espaços singulares que tratam de fazer conviver, paradoxalmente, as esferas econômicas (impessoal) e sentimentais (íntima)<sup>12</sup>. É exatamente esse caráter paradoxal que observamos no circuito – de lazer – *da várzea*, no qual aspectos ou categorias que estamos acostumados a colocar em lados opostos, tais como rendimento-diversão, ludicidade-seriedade, trabalho-lazer, não raramente conviviam de maneira difícil de separar. Isto é, se, por um lado, concluímos que *a várzea* refere um circuito possível de ser reconhecido, por outro, nos foi preciso cogitar que o reconhecimento é fortemente marcado pelas misturas que ele opera. Talvez um retrato de um “personagem varzeano” – do Martinez – possa nos ajudar a ilustrar essa dimensão:

*O Martinez residia na vila Guaporé, uma vila de ocupação na periferia de Porto Alegre, num sobrado que ocupava praticamente todo o espaço do terreno, colado noutras casas. Na parte superior ficava a residência familiar e na inferior um amplo salão destinado à garagem do carro, aos troféus, medalhas, fotografias e quadros do Mandaguari time de renome na várzea. Também nesta parte inferior ficava um balcão e um sofá, pois ali funcionava a sede do time, o que justificava a pintura do sobrado nas cores da agremiação, o registro do escudo nas paredes, como também a circulação dos membros do time. Martinez era casado com a Dona Carmem, sabidamente a maior incentivadora do Mandaguari, equipe na qual jogava o*

12. Zelizer (2002) entende que a doutrina dos “mundos hostis” está amparada na ideia de que a esfera econômica (lugar da racionalidade instrumental, da impessoalidade) estaria separada da sentimental (lugar da intimidade e da solidariedade). Nessa “doutrina”, quando estes “mundos” se contaminam gerariam problemas para ambos: na esfera econômica, levaria ao favoritismo e à ineficiência; na esfera sentimental, levaria à quebra da solidariedade e à instrumentalidade das relações. Para sustentar a sua crítica a essa dicotomia e avançar nas proposições, a autora sustenta a existência do que chamou de “circuitos de comércio” que funcionariam como pontes que facilitam a convivência entre o “íntimo” e o “impessoal”, mas que também podem gerar desigualdades e exclusões.



*Dante, um dos filhos do casal que também ganhava um dinheiro jogando nos times da Serra Gaúcha, ainda na expectativa de entrar no profissional.*

*Além de dono do Mandaguari, o Martinez era o zelador contratado pela Prefeitura – através de uma empresa terceirizada – para cuidar do campo da Praça Benjamin Constant, numa vila contígua à sua. Mais do que manter o campo, os vestiários e o alambrado em ordem, de gerenciar os usos, sua tarefa envolvia evitar que lugar fosse ocupado pelo pessoal do tráfego (usuários e traficantes) e pelos moradores de rua. O vínculo com o lugar era tão significativo que seria fácil afirmar que a praça era do Mandaguari, do Martinez, algo facilitado pelas cores com as quais o prédio do vestiário e outras construções foram pintados. Naquela praça, nos dias de rodadas, entre as tarefas do futebol, do time, o Martinez, a Dona Carmem e o Dante se revezavam no cuidado da copa, um empreendimento familiar instalado no campo, para comercializar, sobretudo, cerveja e refrigerantes.*

*Em 2009 e 2010 o Mandaguari participou das competições da liga do Gomes, como há muitos anos vinha fazendo. No entanto, em 2011 motivado pelas ofertas do Miranda, dono da liga da vila Paraná (outra região), o Martinez decidiu participar desta outra competição, considerando vários motivos: a liga do Gomes estava enfraquecida e as rivalidades internas estavam muito salientes; a liga do Miranda estava em crescimento, com uma premiação considerada melhor, permitia uma circulação mais ampla e arejada pela cidade. Não se podia descartar também que esta mudança ocorreu pelo fato do Miranda ser pré-candidato a vereador e que o Martinez viu nisso possibilidades de lucrar (uniformes, galetos, chuveiros para os vestiários, etc.).*

Com este retrato, procuramos destacar que estar *na várzea*, fazer parte dela, no caso do Martinez (como também de muitos outros interlocutores da pesquisa), não significava um distanciamento da família, do trabalho, da política, das tramas da comunidade da vila Guaporé e de outras do entorno. Pelo contrário, significava saber lidar com essa polifonia e com as sobreposições de agenciamentos ativamente presentes nas reuniões, nas festas, nas excursões e nas rodadas do futebol; significava constituir os espaços-tempos do *lazer esportivo* imerso nas tramas e nos dramas urbanos, ainda que isso fosse considerado uma heresia por aquele que vivenciavam, mas ao mesmo tempo fundamental para a manutenção dos espaços-tempos (alocação de recursos, geração de renda, solidariedade entre familiares, vizinhos, colegas, etc.), daí o seu caráter paradoxal no sentido apontado por Viviana Zelizer, como também a referência feita por Arlei Damo (2007) no sentido de que *a várzea* não é asséptica como o futebol amador<sup>13</sup>.

É claro que esta não era “a realidade” de todas as pessoas, times, ligas, competições ou mesmo das suas fases – algo a ser generalizado. Aqueles que conseguiam

---

13. Discutindo sobre os limites das noções de futebol “profissional” e “amador”, Damo (2007), ao circunscrever os limites da categoria “futebol comunitário” segue nesta lógica, afirmando que o ascetismo é que possibilita *a várzea* virar amador.

*neutralizar* esses múltiplos e sobrepostos agenciamentos e defini-los como coisas “estranhas do futebol” se distanciavam *da várzea* no seu “verdadeiro sentido” e se aproximavam *do profissional* ou de uma *várzea de elite*<sup>14</sup>. Ou, ainda, foi comum a observação dos campeonatos iniciarem, nas periferias, bastante porosos em relação aos múltiplos agenciamentos, sujeitos às bricolagens, e, ao longo das suas fases, terminarem em estádios de futebol do circuito profissional, lugares assépticos em relação à validade das “lógicas do futebol”, distanciadas de outras questões da vida ordinária. Nesse sentido, não foi uma surpresa a verificação do “efeito de centralização” *do municipal*, posto que nas primeiras fases ele era intensamente distribuído em muitas regiões da cidade, mas ao passo em que avançavam as etapas, as partidas eram agendadas para os *campos mais neutros*, a maioria deles na região central da cidade. Assim, seria o caso de pensar um circuito *da várzea* cujos limites estão sempre em negociação, contemplando diferentes trajetórias e arranjos.

Esse entendimento – para além de uma configuração particular de *lazer esportivo*, mas também como um lugar paradoxal, de conexões e misturas – foi resultado de um longo processo de imersão e de aprendizagens numa direção: quanto mais se buscava conhecer “do futebol”, circulando na cidade em função de suas práticas, mais se sabia das dinâmicas dos parques, das praças e dos campos; quanto mais se procurava entender o “lugar do futebol nas comunidades”, mais se sabia sobre o “lugar das comunidades no futebol”; quanto mais se investia esforços para saber dos vínculos do futebol com a vida cotidiana das pessoas, mais se exigia diligências no sentido de compreender como as redes de conhecidos (vizinhos, amigos, familiares, conterrâneos, clientes, colegas) davam sentido ao futebol; quanto mais se caminhava, conversava, convivia *na várzea*, mais se conhecia a cidade, os bairro, os grupos, as pessoas e seus dramas (as lutas pela moradia, pela educação, pela alimentação, pela segurança, pela saúde; as rivalidades entre facções do tráfico, as práticas ilícitas; os limites dos lugares mais ou menos seguros; as disputas políticas por cargos eletivos; as rixas entre vizinhos e parentes; as infidelidades conjugais, etc.).

No decorrer da investigação, paulatinamente, se percebia que aquilo que estava “em jogo” nos campos e nas reuniões não se resumia apenas ao futebol (ou a noção de futebol era mais elástica), o que justificava, por exemplo, as inúmeras reclamações de jogadores e times que não podiam jogar neste ou naquele lugar por conta de outras questões ou disputas. Observando “de longe” os times, já era possível perceber a importância de relacionar o nome da equipe com o seu local de

---

14. Várias outras competições independentes das Prefeituras da região metropolitana de Porto Alegre entravam nessa classificação (*a várzea de elite* ou o *amador*), ainda que fossem frequentados pelos mesmos jogadores da “verdadeira *várzea*”, tais como a “Copa Clausura” e o “Torneio Verano *Cup*”.

origem na cidade, mas foi acompanhando-os de perto<sup>15</sup> e, um deles (o Guarani do Miranda), “de dentro”, é que se podia verificar com mais propriedade a forma como os times eram classificados de acordo com essa lógica de origens (de determinada vila, liga, parada de ônibus ou outra cidade da região metropolitana), como também de acordo com a fonte principal de recursos para manter a equipe (de *diretorias*, de *patrões do tráfico*, de *políticos* ou de *empresários*). Estas imbricações viscerais com a vida cotidiana diziam muito sobre a *diferença da várzea*. Não restava muita dúvida sobre o fato de que as práticas eram divertidas, mas, simultaneamente, sérias, pelo simples fato de que tinham ressonâncias sobre a vida para além do futebol. Quem entrasse na *várzea* deveria aprender essa *diferença*. Mais do que saber jogar, era preciso saber onde se jogava, contra quem, pois isso tinha impacto sobre os modos de marcar, reclamar, reclamar, xingar, etc.

A partir dessas ponderações, cremos que já temos o suficiente para afirmar que a *várzea*, ainda que apresente suas regularidades, não significa, exclusivamente, um “lugar intermediário” entre os espaços mais íntimos da vida cotidiana e as grandes questões e hostilidades das cidades – tal como denota a categoria *pedaço* formulada por Magnani (2003)<sup>16</sup> –, nos cabendo pensá-la, simultaneamente, como lugares de aproximação de dimensões que, em outras esferas, estariam claramente distanciadas, mesmo que isso fosse percebido como um problema pelos seus *habitués*, que devem saber lidar e divertirem-se apesar dele ou com ele, afinal na *várzea* o *bicho pega* como afirmou o Mendes da liga da praça Catanduvás. O lazer, na *várzea* ou na *verdadeira várzea*, não era asséptico, não refletia apenas uma nova ordem moral, um tempo-atitude de resistência às forças hegemônicas – também isso –, mas paradoxalmente, era um espaço de afirmação e de reprodução das lógicas de rendimento, de competição exacerbada, de sobreposição de interesses e agenciamentos.

## O CHICO “FUGIA” PARA A VÁRZEA, ESTAVA NA VÁRZEA

Para finalizarmos este trabalho, retomaremos a expressão de satisfação do Chico de que “isso aqui é uma fuga para mim”. Diante das descrições e das

---

15. Durante mais 22 meses de pesquisa foi estabelecida uma estratégia que englobava também seguir as pessoas, os grupos envolvidos com os times tanto dentro de “suas comunidades” – nas casas, nos bares, nas festas, nas ruas, nas excursões. Cinco times foram escolhidos (o Guarani, o São Pedro, o Esperança, o Bandeirantes e o Cerro Azul) e, em relação a eles, foram produzidas diferentes tipos de vínculos, os quais possibilitavam frequentar com maior assiduidade 4 vilas da região periférica de Porto Alegre (a vila Paraná, a vila Iberna, a vila Cambé e a vila Marechal).

16. O termo, conforme Magnani (2003, p. 116), “[...] designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos espaços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade.”

interpretações empreendidas, não nos restou dúvidas de que o Chico fugia para a várzea e que estava *na várzea*. Isto significa que aquela nossa aproximação feita, *a priori*, das práticas do futebol com a noção de lazer de Elias e Dunning (1992) seja, em parte adequada, na medida em que existe um movimento no sentido de desprendimento das restrições da vida ordinária nas vivências do lazer, mas que, convive, paradoxalmente com outra lógica: talvez não seja indevido afirmar que a tensão-excitação agradável resulte – também – do “não desprendimento” das coisas sérias da vida, ainda que isso seja vivido como algo inadequado (ou não legítimo, dá a conotação de que se trata de *uma várzea*).

O Chico, com suas cervejas oriundas da *copa* de sua família, nas conversas e reminiscências trocadas com o Ronaldo, na beira do campo do Mariluz, time do seu pai, da sua vila, experimentava e sabia lidar (ou transitar), simultaneamente, com as dinâmicas do futebol, da família e da comunidade/cidade. Essas sobreposições não eram menos excitantes e agradáveis. Portanto, o Chico, *na várzea*, co-produzia um lugar não apenas “intermediário”, mas também um lugar de “mediação”. Tal conclusão nos faz refletir se se trata mesmo de um *lazer esportivo* paradoxal ou se as teorias do lazer – e também os discursos sobre ele – estiveram sendo construídos distanciados das pessoas e da vida cotidiana?

### Here it's “Várzea”: Reflections about the Constitution of a Leisure Circuit in and from Porto Alegre

*ABSTRACT: This paper presents an interpretation of the common manifestation of leisure in many Brazilian cities: amateur soccer. From an ethnographic experiment of systematically following soccer in the city of Porto Alegre between 2009 and 2011, we present an analysis of an amateur soccer league (“várzea”), its demarcating limits and its differences from others, allowing those that participate to affirm: “here it’s várzea”. Although it is possible to affirm that the league establishes some rules in relation to space, time and appropriate behavior, giving limits to the experiment, there are overlaps with everyday life, ways of coping with dimensions that, a priori, would be opposing, which give meaning to “be várzea”.*

*KEYWORDS: League; Leisure; Soccer; Ethnography.*

## Aquí es la várzea: reflexiones sobre la constitución de un circuito de ocio en la/de la ciudad de Porto Alegre

*RESUMEN: El presente trabajo presenta interpretaciones en torno de una manifestación de ocio común en muchas ciudades brasileñas, el "fútbol de várzea". A partir de la experiencia etnográfica de seguir el fútbol en la ciudad de Porto Alegre, sistematizada entre 2009 y 2011, traemos un análisis de la constitución de un circuito varzeano y de las demarcaciones de sus diferencias en relación a otros, posibilitando aquellos que circulan afirmar que "aquí es la várzea". A pesar de que sea posible afirmar que el circuito justifique algunas regularidades en lo que tange a los espacios, tiempos y comportamientos adecuados, confiriendo fronteras a las experiencias, son las imbricaciones con la vida cotidiana, los modos de saber lidiar con dimensiones que, a priori, serían opuestas, que confiere sentido al estar "en la várzea".*

*KEYWORDS: Circuito; Ocio; Fútbol; Etnografía.*

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2004.

DAMO, A. S. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, Anpocs, 2007.

DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

ELIAS, N. Sugestões para uma teoria de processos civilizadores. In: ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. v. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_. *Sociogênese da diferença entre "kultur" e "zivilisation" no emprego alemão*. In: ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, N.; DUNNING, E. O lazer no espectro do tempo livre. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FOOTE-WHYTE, W. *Treinando a observação participante*. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.), *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

MAGNANI, J. G. C. *Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

\_\_\_\_\_. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Unesp, 2003.

\_\_\_\_\_. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, a. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez., 2009.

MAGNANI, J. G. C.; SOUZA, B. M. de. Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. de L. Na metrópole: textos de antropologia urbana. 3. ed. São Paulo: EDUSP; Fapesp, 2008.

MASCARENHAS, G. *A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e seu advento no Rio Grande do Sul*. 2001. 286 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

H. R. S. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez., 2009.

STÉDILE, M. E. A. *Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre*. 2011. 180 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

STIGGER, M. P. Estudos etnográficos sobre esporte e lazer: pressupostos teórico-metodológicos e pesquisa de campo. In: \_\_\_\_\_; GONZÁLEZ, F. J.; SILVEIRA, R. da. *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas nos espaços urbanos*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

WINKIN, Y. Descer ao campo. In: \_\_\_\_\_. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus, 1998.

ZELIZER, V.A. Circuits within capitalism. In: NEE, V.; SWEDBERG, R. *The Economic Sociology of Capitalism*. Princeton: Princeton University, 2005.

Recebido em: 7 abr. 2013

Aprovado em: 7 ago. 2013